

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# Saberes da Lunda no Comércio da Borracha (1890): Descolonizando o ensino da Revolução Industrial

Luiz Ricardo Batista Campos, Isaac Garcia, Vitória Kikuti, Elaine Ribeiro

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15261>

Submetido em: 2026-03-03

Postado em: 2026-04-13 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## **Saberes da Lunda no Comércio da Borracha (1890): Descolonizando o ensino da Revolução Industrial<sup>1</sup>**

### **Lunda Knowledges in the Rubber Trade (1890): Decolonizing Industrial Revolution History Teaching**

#### **Luiz Ricardo Batista Campos**

Discente do curso de História da UNIFAL-MG e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Email: [luiz.campos@sou.unifal-mg.edu.br](mailto:luiz.campos@sou.unifal-mg.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5727-1251>

#### **Isaac Marques de Souza Garcia**

Discente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e bolsista FAPEMIG BDCTI – Nível III, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [isaac.garcia@sou.unifal-mg.edu.br](mailto:isaac.garcia@sou.unifal-mg.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4948-917X>

#### **Vitória Massami Kikuti**

Discente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e bolsista FAPEMIG BDCTI – Nível III, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [vitoria.kikuti@sou.unifal-mg.edu.br](mailto:vitoria.kikuti@sou.unifal-mg.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2607-6606>

#### **Elaine Ribeiro**

Professora doutora da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Coordenadora do projeto Mukanda Histórica Digital, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [elaine.ribeiro@unifal-mg.edu.br](mailto:elaine.ribeiro@unifal-mg.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3703-4426>

## **RESUMO**

O presente artigo apresenta a análise crítica e a proposta didática da fonte “Instruções do negociante Custódio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango” (1890). A pesquisa tem como objetivo principal demonstrar o potencial dessa fonte para reconstruir a temática da Revolução Industrial no Ensino Básico. Para alcançar esse objetivo, foi utilizada a metodologia de análise de fonte (descrição, contextualização e leitura crítica), seguida da elaboração de uma sequência didática de intervenção prática. O principal resultado obtido foi a elaboração de uma sequência didática eficiente que reposiciona a Revolução Industrial como um processo global, evidenciando a dependência estrutural da industrialização europeia em relação aos materiais e aos conhecimentos das populações da Lunda (África Central) e estimulando a reflexão crítica

---

<sup>1</sup>O presente preprint resulta das investigações empreendidas no projeto Mukanda Histórica Digital, desenvolvido no Departamento de História da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e sob financiamento da FAPEMIG. Para um exame detalhado do projeto, acesse a plataforma institucional: <https://app.unifal-mg.edu.br/historiadigital/>

sobre as narrativas eurocêntricas. Em suma, a fonte analisada demonstra-se como um potencial recurso prático para o ensino de História, contribuindo ativamente para o cumprimento da Lei 10.639/03.

**Palavras-chave:** História da Revolução industrial; História da Lunda (África Central); Comércio de borracha; Ensino de história; História da África.

## **ABSTRACT**

This article addresses the critical analysis and didactic application of the source “instruções do negociante Custódio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango” (1890). The main objective of this research is to demonstrate the potential of this source to deconstruct the theme of the Industrial Revolution in Basic Education. To achieve this goal, the study employed a source analysis methodology (description, contextualization, and critical reading), followed by the design of a teaching sequence for practical intervention. The primary outcome was the design of an effective teaching sequence that reframes the Industrial Revolution as a global process. It demonstrates European industrialization’s structural reliance on the resources and knowledge of the Lunda people ( Central Africa), thereby encouraging critical reflection on Eurocentric narratives. In conclusion, the analyzed source proves to be a potential practical resource for history education, actively contributing to compliance with Law 10.639/03.

**Keywords:** History of the Industrial Revolution; History of Lunda (Central Africa); Rubber trade; History education; History of Africa.

## Introdução<sup>2</sup>

O presente artigo aborda a relevância da História da Lunda (África Central) para o ensino de História, tema crucial para a efetiva aplicação da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade de valorizar e incluir as histórias africanas e afro-brasileiras no currículo. Contudo, o ensino da História da África no Brasil frequentemente esbarra em um desafio metodológico: a escassez de materiais didáticos que permitam aos professores da Educação Básica analisar documentos primários sob uma perspectiva crítica, estimulando o estudo da agência e do protagonismo africano, para confrontar o viés eurocêntrico que persiste no currículo da disciplina.

Diante desse contexto, o objetivo central deste trabalho é apresentar e analisar criticamente uma fonte da História da Lunda, as “Instruções do negociante Custodio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango” (Carvalho, 1890, p. 225-227), e, a partir dela, elaborar uma proposta de ensino concreta e adaptável. Nosso argumento central visa demonstrar que a Revolução Industrial só foi possível e viável graças aos materiais comercializados na África Central, como a borracha, e que isso dependia diretamente dos sistemas de conhecimento das populações africanas que habitavam esse espaço.

Assim, o(a) professor(a) que utilizar este material terá em mãos uma ferramenta para levar a análise documental para a sala de aula, deslocando o foco da narrativa para a dependência dos agentes coloniais em relação aos sistemas de conhecimento da Lunda, reforçando o papel essencial dessas populações para o desenvolvimento da industrialização europeia.

A proposta didática é direcionada preferencialmente ao Ensino Fundamental II – Anos Finais, especificamente ao 8º ano, pois se alinha perfeitamente à habilidade EF08HI03 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estipula a análise dos “impactos da Revolução Industrial na produção e circulação de povos, produtos e culturas” (Brasil, 2017, p. 425).

Para alcançar esse objetivo, o texto está estruturado nas seguintes seções: “As Instruções de Custódio Machado para o estabelecimento da sua estação comercial na margem do Cuango: análise e potencial didático” e “Proposta de sequência didática: a agência das populações da Lunda no processo de Revolução Industrial”. Na primeira seção, apresentamos

---

<sup>2</sup> Declaramos que a redação do presente trabalho contou com o suporte da Inteligência Artificial modelo Gemini 3.1 Pro, sob licença institucional da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), exclusivamente para revisão de linguagem: melhoria da gramática, ortografia, clareza e estilo do texto. Toda supervisão, validação e autoria intelectual do artigo são de responsabilidade dos autores humanos.

a fonte, a metodologia de análise e o diálogo com a bibliografia especializada para interpretar os conhecimentos das populações da Lunda presentes no documento e destacar seu potencial didático. Na segunda seção, detalhamos a proposta em forma de sequência didática, oferecendo um guia prático com atividades, questões de debate e critérios de avaliação para a aplicação imediata em sala de aula.

### **As instruções de Custódio Machado para o estabelecimento da sua estação comercial na margem do Cuango: análise e potencial didático**

O foco desta seção é a análise das “Instruções do negociante Custodio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango”. Este documento está inserido no capítulo II, intitulado “Concelho de Malange”, do volume 1 do livro “Expedição Portuguesa ao Muatiânvua Descrição da Viagem à Mussumba do Muatiânvua”, publicado em 1890 pelo major português e chefe da expedição, Henrique Augusto Dias de Carvalho. O acesso à documentação foi viabilizado pela digitalização feita pela Smithsonian Libraries e disponibilizada no site Internet Archive.

A metodologia de análise da fonte foi desenvolvida em etapas. Inicialmente, realizamos a descrição do documento e a comparamos com uma versão produzida pela inteligência artificial (doravante IA) do Google Gemini. Este exercício demonstrou os desafios do processo descritivo: enquanto a descrição humana continha inferências que comprometiam a objetividade, o texto da IA apresentava confusões e buscava traduzir ou alterar vocabulários da época. Diante desses resultados comparamos as melhores contribuições de ambas as versões e produzimos a descrição final da fonte, a qual é apresentada a seguir.

O documento, intitulado “Instruções do negociante Custodio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango”, é organizado em doze tópicos e não apresenta imagens. Essas instruções detalham a construção de uma estação comercial destinada ao comércio lícito, cujo propósito era a permuta de produtos de exportação como cera, borracha, marfim, e “gomma copal” por mercadorias europeias. Machado especifica as dimensões e os materiais necessários para a construção da casa comercial, destacando que dois quartos seriam reservados para a hospedagem de, em suas palavras, “civilizados”. Além disso, o negociante enfatiza a necessidade de não usar a violência contra os povos do Xinje, instruindo o uso de pagamentos “ajustados” para evitar a desconfiança em relação aos portugueses que estavam se instalando na região. Este

procedimento de respeito e pagamento justo era igualmente válido para as comunidades residentes nas proximidades e nos trajetos percorridos pelos carregadores dos produtos. Ainda, o documento apresenta os procedimentos detalhados para o transporte da borracha, goma copal e cera, considerando o melhor acondicionamento dos materiais e a facilidade do transporte, instruindo a compra de canoas e caixotes específicos, bem como a contratação de trabalhadores para levarem as cargas aos portos. Por fim, Custódio Machado detalha a lista de produtos que seu funcionário, Sr. Vasconcellos, estava autorizado a adquirir, além dos insumos principais. Essa lista incluía itens como peles de lontras e de onças, quitecas, diferentes tipos de armas e mulangues-quiringundas, além de outros produtos que Machado considerasse de natureza “curiosa”.

Adiante, para aprofundar a análise do documento, buscamos compreender o contexto de sua produção e a relação com os interesses coloniais portugueses na África Central no final do século XIX.

A Expedição Portuguesa ao Muatiânvua foi realizada entre 1884 e 1888, ocorreu em meio à intensa disputa territorial do continente africano pelas nações europeias no século XIX, visando a exploração geográfica, científica e comercial (Ribeiro, 2013, p. 111).

Nesse contexto, o chefe da expedição, Henrique de Carvalho, planejava a construção de Estações Civilizadoras. Tais estações eram concebidas para servir como abrigos para viajantes e comerciantes, além de funcionar como centros de incentivo à comunicação e ao comércio nas regiões onde seriam instaladas (Ribeiro, 2013, p. 151).

Carvalho considerava que a rede de Estações Civilizadoras e as Estações Comerciais que Custódio Machado tencionava estabelecer deveriam operar em um plano de proteção recíproca. Em vista disso, o negociante entregou a Henrique de Carvalho uma cópia das instruções que havia preparado para o gerente da primeira estação comercial que pretendia instalar na margem direita do rio Cuango (Carvalho, 1890, p. 225).

Desta forma, o documento reflete a ótica administrativa e econômica dos agentes portugueses. As instruções de Custódio Machado, embora priorizem estratégias pacíficas com os povos da região da Lunda, visavam o lucro e a garantia da produtividade de matérias-primas indispensáveis para a industrialização europeia.

Tendo em vista o caráter colonial e a ótica administrativa da fonte, buscamos identificar os vieses e silêncios que a compunham. Nosso objetivo é analisar como esses elementos, embora focados nos interesses portugueses, acabam por revelar a dependência desses agentes em relação aos saberes das populações da Lunda para o processo de extração, transporte e comércio de matérias-primas, como a borracha.

Neste sentido, essa etapa da metodologia de análise se baseou na crítica de Steven Feierman (1997) ao modo como a historiografia tradicionalmente definiu seu campo de estudo, centrados nos moldes da Europa. O autor argumenta que a disciplina privilegiou temas específicos (como o surgimento do Estado-Nação ou a Revolução Industrial) e, conseqüentemente, negligenciou ou considerou irrelevantes outras populações e lugares que não se alinhavam à trajetória europeia (Feierman, 1997, p. 1). É neste contexto que Feierman (1997, p. 7) desenvolve o conceito de “Checklist civilizacional”. Este termo designa o conjunto de critérios eurocêntricos (como a presença de escrita, de comércio ou de técnicas de produção agrícola) que serviam para classificar sociedades como “civilizadas”. Sob tal perspectiva, a complexa logística comercial da borracha empreendida pelos povos da Lunda seria desqualificada e sua experiência relegada a um “apêndice” da história europeia, estudada apenas em sua interface com a expansão colonial.

Contrariando essa noção eurocêntrica, buscamos estudar a Lunda como um “lugar de convergências”, conforme aponta M’Bokolo (2009, p. 551), devido aos intensos fluxos demográficos, comerciais e culturais nesse espaço. A região funcionava como um eixo importante das rotas do comércio de longa distância (M’Bokolo, 2009, p. 565). Assim, as relações eram estabelecidas tanto em escalas regionais, com produtos como o sal, tecidos e contarias, quanto em escala global, sobretudo com o comércio da borracha (M’Bokolo, 2009, p. 553).

Dessa forma, o processo de coleta da borracha na Lunda e regiões vizinhas impulsionou o “delirium da borracha” (c.1880–1910). Era uma atividade extrativista e marcada pela organização e agência africana em larga escala, conforme detalhado por Achim von Oppen (1993). A matéria-prima era o látex extraído de árvores e trepaderiras gomíferas. A extração era feita com uma enxada para desenterrar as raízes, um malho de madeira para retirar o conteúdo e uma panela utilizada para a fervura e enxágue do material coagulado. Uma vez pronta, a borracha era empacotada e transportada por caravanas de carregadores através das rotas de longa distância que cruzavam o território da Lunda, em direção a postos de comércio e, finalmente, ao porto de Benguela para exportação global.

Oppen (1993, p. 78) sublinha a dependência das potências industriais da borracha da África Central, após o desenvolvimento das técnicas de vulcanização (processo químico que transforma a borracha em um material mais resistente, elástico e impermeável) em 1844, tornou-se uma matéria-prima indispensável e demandada em grandes quantidades para a fabricação de pneus e equipamentos industriais e militares, sendo um motor da Segunda Revolução Industrial.

Assim, a Lunda não era um apêndice colonial, mas sim uma fornecedora essencial que sustentava o boom tecnológico ocidental. Oppen (1993, p. 83) estima que, em 1891, cerca de 350.000 pessoas na Lunda e arredores estavam engajadas na produção que seguia para o porto de Benguela. Essa vasta rede extrativista e comercial demonstra outras formas de organização social e econômica que a historiografia eurocêntrica ignorou. A complexidade da Lunda desmantela a premissa de irrelevância dada pelo “Checklist civilizacional” de Feierman (1997), reposicionando a região como um espaço fundamental na história da Revolução Industrial.

A relevância da Lunda e a dependência dos agentes coloniais em relação aos saberes africanos podem ser observadas no documento de Custódio Machado. Nele, a dualidade entre os interesses portugueses visando o lucro e a dependência desses mesmos agentes em relação ao conhecimento das populações da Lunda é verificada na terceira instrução. Machado determina ao Sr. Vasconcellos que os produtos coloniais devem ser creditados pelo mesmo preço praticado no mercado local no ato de sua recepção. No entanto, ele estabelece um preço específico para a goma copal em 4\$500 réis por arroba (desde que o produto esteja limpo e livre de impurezas). Machado orienta que se compre a maior quantidade possível deste artigo, a preços estimulantes que incentivassem a população local a dedicar-se à sua coleta e produção, garantindo, ao mesmo tempo, que o empreendimento comercial obtenha o máximo de vantagem.

Assim, Machado demonstrava sua dependência em relação ao conhecimento e à organização das populações da Lunda. Isso se manifesta na ênfase dada à manutenção da paz e à pontualidade dos pagamentos, conforme sua quarta instrução. O negociante orienta o Sr. Vasconcellos a incentivar, sem violência, os moradores da região do Xinje a se engajarem no transporte de cargas e exige que os pagamentos sejam feitos com rigorosa pontualidade para evitar desconfiças. Essa preocupação em manter a “paz e a boa harmonia” e garantir a circulação de bens (Carvalho, 1890, pp. 225-226) reforça a impossibilidade do comércio e da logística colonial sem o papel essencial das populações locais.

Essa dependência em relação à cooperação local forçou os agentes portugueses a se adaptarem às organizações e sistemas próprios das populações da Lunda, o que abrangia desde o sistema de pagamentos até as demandas das chefias pela manutenção da harmonia. O elemento mais importante dessa adaptação era a forma de transporte das cargas, realizada pelos carregadores. Estes eram considerados trabalhadores indispensáveis para o êxito de expedições como a de Henrique de Carvalho, pois forneciam o trabalho e os saberes para a organização de itinerários, a condução das marchas em terra e travessia de rios, a

alimentação, a cura de doenças, a segurança e até mesmo a tradução da comunicação com as autoridades locais (Ribeiro, 2013, p. 29-31).

A dependência em relação a esses indivíduos se consolidava pelo insucesso das tentativas coloniais de substituí-los por animais de carga. A alta incidência da mosca-tsé-tsé e a natureza dos terrenos acidentados impediam essa mudança (Santos, 2016, p. 48). Além disso, os carregadores detinham conhecimentos específicos – seu Saber-Fazer – manifesto no domínio dos caminhos e das técnicas de transporte. O valor prático desses conhecimentos era reconhecido pelos próprios agentes, como Machado, que em sua quinta instrução orientava a organização dos materiais: a borracha em sacos de mabella (tecido de ráfia, geralmente fabricado a partir das folhas da matebeira); a cera fundida em gamelas e a gomma copal em caixotes com hastes de bordão cortadas “de modo que o seu transporte seja fácil e comodo ao carregador, sem que a gomma possa aqui chegar esmigalhada” (Carvalho, 1890, p. 226).

Como ferramenta especializada para o trabalho de transporte os carregadores desenvolveram a mussassa ou mussasse, um suporte entretecido de fibras vegetais, que consistia em um grande cesto (muianga) encaixado em duas varas. Essa ferramenta otimizava o transporte das cargas, demonstrando os conhecimentos especializados desses trabalhadores (Santos, 2016, pp. 42-44).

O pagamento dos carregadores demandava a consideração de seus interesses, conforme consta nas instruções para o estabelecimento da estação comercial. Na primeira instrução, Machado focava na permuta de cera, borracha e marfim por mercadorias europeias. Já na quarta instrução, o negociante orientava o gerente a convencer os carregadores a receberem o pagamento de seu crédito em Malange. Machado argumenta que essa medida era vantajosa tanto para ele quanto para os trabalhadores, que assim poderiam escolher os produtos que preferissem.

Nesse sistema, a mukanda (papel escrito) funcionava como um sinal de crédito e promessa de pagamento futuro (Santos, 2016, p. 125). A eficácia desse mecanismo de bilhetes dependia do conhecimento de todos os envolvidos sobre o valor indicado, fazendo com que a escrita fosse uma forma de evidenciar o oral. Desse modo, a confiança na palavra falada era essencial para creditar a mukanda, especialmente quando quem a recebia não sabia ler (Santos, 2016, p. 127). O uso da mukanda na organização do comércio da Lunda representou não só a necessidade de adaptação dos agentes europeus para se inserir nas redes locais, como também a apropriação da escrita por parte das populações da Lunda. Desta forma, era usada nas relações comerciais, pelo sistema de crédito, e nas relações trabalhistas,

como uma ferramenta para reivindicação de seus direitos e para cobrar deveres daqueles que lhes contrataram (Santos, 2016).

Em suma, a análise das “Instruções de Custódio Machado” permite concluir que a base material da Revolução Industrial dependia da complexidade das redes de comércio da Lunda. O documento, apesar de sua ótica colonial, revela que a extração e o transporte da borracha, uma matéria-prima indispensável ao boom tecnológico ocidental, eram sustentados pelos saberes locais da Lunda em organização logística, métodos de extração, sistemas de pagamento e transporte. Os carregadores, com seu Saber-Fazer, viabilizaram a Revolução Industrial ao prover o fluxo constante da borracha. É a partir desta leitura que se manifesta o potencial didático da fonte que permite o estudo da história em dois níveis: História Geral e História da Lunda.

Para a História Geral, contribui com a discussão sobre a documentação produzida durante o processo de colonização e possibilita uma análise crítica sobre os silenciamentos que persistem no campo da História, rompendo com a definição tradicional que enquadra a Revolução Industrial como “um fenômeno histórico acontecido em tempo e lugar determinados”, restringindo-a às intensas transformações nas técnicas produtivas realizadas na Inglaterra e parte da Escócia durante o século XVIII (Silva; Silva, 2010, p. 370). A fonte demonstra, ao contrário, que a Revolução Industrial foi possível por conta dos saberes das populações da Lunda para a extração, transporte e comércio da borracha.

É neste contexto que o potencial de estudo da História da Lunda se expressa, pois as “Instruções do negociante Custodio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango” apresentam informações, mesmo que pela perspectiva de um europeu, sobre conhecimentos das populações da Lunda que permitiam uma complexa rede de comércio nesse espaço.

### **Proposta de sequência didática: os conhecimentos das populações da Lunda no processo de Revolução Industrial**

O objetivo central desta seção é traduzir a análise crítica do documento da história da Lunda em uma proposta de intervenção didática eficaz, com foco preferencial no 8º ano do Ensino Fundamental II-Anos Finais. Ao final da sequência didática, espera-se que o(a) aluno(a) seja capaz de: perceber o papel fundamental das populações da Lunda e de seus conhecimentos no processo da Revolução Industrial; reconhecer a História da Lunda na fonte e analisar criticamente o discurso do colonizador; relacionar os conteúdos para apreender a

agência africana; e, por fim, ser capaz de produzir um mural que vise desconstruir a Revolução Industrial como algo exclusivo da Inglaterra no século XVIII, atuando ativamente na descolonização do conhecimento, ao demonstrar que outros espaços e populações estavam envolvidos nesse processo.

A estratégia didática central visa confrontar a visão curricular tradicional, que compreende a Revolução Industrial como um evento ligado unicamente ao continente europeu e às inovações tecnológicas dos Estados-nações. Para isso, o (a) professor(a) deverá utilizar a fonte “Instruções do negociante Custodio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango” para demonstrar como os conhecimentos e a logística das populações da Lunda foram importantes para o fornecimento dos insumos necessários à industrialização europeia.

Para concretizar esse objetivo, dividimos a sequência didática em três aulas, sendo duas destinadas ao desenvolvimento do conteúdo e uma à avaliação.

Na primeira aula, com duração aproximada de 50 minutos, a etapa inicial consiste em dividir os alunos em grupos e distribuir 5 trechos selecionados das “Instruções de Custódio Machado” para os estudantes (presente no Anexo A). O(A) professor(a) deve orientar os alunos a realizar a análise dos trechos sem fazer explicações ou introduzir o conteúdo, focando em: como o texto está escrito, se reconhecem ou desconhecem as palavras, qual é o conteúdo de cada trecho e se o contexto da fonte parece atual ou antigo.

Em seguida, o(a) professor(a) deve notar os conhecimentos prévios dos estudantes por meio de perguntas norteadoras para perceber se existem familiaridades ou estranhamentos com o conteúdo apresentado.

Algumas questões sugeridas incluem: “Qual é o conteúdo do trecho que foi lido? Do que ele está falando?” (solicitando que um aluno de cada grupo responda, para a turma ter uma noção do todo). O professor pode esperar que os alunos identifiquem produtos como borracha, marfim e a menção a pagamentos e do comércio. O docente deve, então, indicar que cada trecho se relaciona com o outro e que é parte de uma fonte maior. Em seguida, questionar: “Essa situação que ocorre nas instruções parece ser algo recente ou antigo? Por quê?” e “Vocês reconhecem tudo que está sendo dito nos trechos? Quais termos e palavras vocês não entenderam?”. A partir dessas perguntas, o(a) professor(a) conseguirá compreender o entendimento da turma sobre o possível contexto da fonte, notando o estranhamento dos alunos com a linguagem e a coexistência de termos comerciais modernos (mercadoria, preço, crédito, lucro etc).

O(A) docente irá, então, relacionar as respostas dos alunos com a apresentação do conteúdo da Lunda, apresentando a região da África Central, o contexto de produção da fonte e o conhecimento dos coletivos que habitavam esse espaço.

Nesse momento, devem ser explicitadas as motivações comerciais e coloniais por trás da estação de Machado, que era um negociante português com interesse direto na administração e manejo da produção de borracha, goma copal e cera. Fundamentalmente, deve-se discutir a demanda global por esses produtos e como eles eram processados por meio de técnicas e saberes específicos da Lunda (como o conhecimento detalhado para o transporte da goma copal e os procedimentos para a extração da borracha).

Em sequência, a próxima aula conta com três etapas e visa aprofundar e consolidar os conteúdos sobre a História da Lunda e suas relações com a Revolução Industrial. Na primeira etapa o(a) professor(a) deve apresentar o conceito de “Revolução Industrial”. Inicialmente deve indicar a forma com que tradicionalmente esse evento foi interpretado, com foco na Inglaterra no século XVIII e no surgimento de novas tecnologias que geraram profundas mudanças no modelo de produção. Em seguida deve destacar as agências africanas nesse processo. Com base nas discussões da aula anterior, deve reforçar a impossibilidade da ocorrência da Revolução Industrial sem os insumos e conhecimentos das populações da Lunda, destacando como o processo não foi exclusivo dos Estados-nação europeus e que foi um fenômeno globalmente conectado.

Na próxima etapa, o (a) professor (a) deve fazer algumas perguntas norteadoras, com o objetivo de estimular a reflexão dos alunos e prepará-los para a próxima atividade, iniciando um debate na turma. As questões sugeridas são: “É possível dizer que o processo da Revolução Industrial foi algo exclusivo da Inglaterra?”, “Qual foi a participação das populações da Lunda nesse processo?” e “A Revolução Industrial precisava dos produtos e das técnicas das populações africanas para acontecer, então por que essa importância não é atribuída aos coletivos africanos?”.

O professor deve encorajar a turma a responder inicialmente com base nos aprendizados na Aula 1. Em seguida, o docente deve complementar e guiar a discussão para consolidar a crítica histórica. Para a primeira questão, o(a) professor(a) deve reforçar a ideia de que a produção industrial europeia dependia das matérias-primas (borracha, cera e goma copal) e da logística africana, conforme as instruções de Custódio Machado. Na sequência, sobre a participação da Lunda, o professor deve guiar os alunos a citarem os insumos produzidos na região, a logística (Saber-Fazer dos carregadores) e a apropriação da mukanda como sistema de crédito e ferramenta de reivindicação trabalhista. Por fim, a discussão sobre

o silenciamento deve ser guiada para a conclusão de que é necessário reconhecer o eurocentrismo na construção das narrativas históricas que excluíram os saberes e a importância do comércio da Lunda, por não se adequarem a critérios ocidentais de “civilização”.

Assim, o(a) professor(a) deve pedir aos estudantes para que relacionem todo o conteúdo das aulas 1 e 2 para realizar a pesquisa dos materiais que compõem os murais. A pesquisa de imagens deve ser uma atividade cuidadosa e crítica: os alunos devem ser orientados a buscar e selecionar material visual que evite a reprodução de estereótipos ou vieses racistas, aplicando a discussão crítica sobre o eurocentrismo e a ideia de “civilização”. A busca deve incluir imagens das tecnologias da Revolução Industrial, informações sobre a colonização na África Central, trechos da fonte de Machado e recortes de jornais. Esta pesquisa e curadoria inicial já constituem parte da atividade avaliativa e devem ser realizadas fora da sala de aula, ao passo que os materiais escolhidos pelos grupos devem ser utilizados na próxima aula (Aula 3) para a produção final do cartaz.

A terceira aula é dedicada à finalização da atividade e à sua avaliação. Ela é dividida em dois momentos: o primeiro para a produção e finalização dos murais e o segundo de apresentação e discussão coletiva sobre eles, o que permite ao professor avaliar o aproveitamento dos estudantes tanto pela discussão apresentada quanto pela qualidade crítica do material produzido. Durante a apresentação, todos os grupos devem articular como o mural relaciona as discussões das aulas. Para a avaliação final, cabe ao (a) professor(a) definir os critérios, mas sugerimos que seja considerado um bom aproveitamento quando os estudantes: perceberem a necessidade que os Estados-nação colonizadores tiveram dos insumos e das técnicas únicas das populações africanas; reconhecerem a História da Lunda, as agências dessas populações e a opressão imposta de maneira crítica e contrária ao discurso colonial presente na fonte; e, por fim, conseguirem relacionar as discussões das aulas com os elementos do mural, demonstrando uma curadoria visual crítica que não reforce preconceitos.

### **Lista numerada:**

#### **Ao final da sequência didática, o(a) aluno(a) deverá ser capaz de:**

- perceber o papel fundamental das populações da Lunda e de seus conhecimentos no processo da Revolução Industrial;
- reconhecer a História da Lunda na fonte;

- analisar criticamente o discurso do colonizador;
- relacionar os conteúdos para apreender a agência africana;
- produzir um mural que vise desconstruir a Revolução Industrial como algo exclusivo da Inglaterra no século XVIII, atuando ativamente na descolonização do conhecimento, ao demonstrar que outros espaços e populações estavam envolvidos nesse processo.

### **Primeira Aula (50 minutos): Contato com a Lunda e a Fonte**

1. **Análise Inicial (15 minutos):** O (A) professor (a) deve distribuir 5 trechos da fonte “Instruções do negociante Custodio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango” (Anexo A) para análise em grupo dos estudantes. Cada grupo deverá ficar com um trecho. As orientações são para focar em como o texto é escrito, palavras reconhecidas/desconhecidas, conteúdo e se o contexto é atual ou antigo.
2. **Sondagem e Debate (35 minutos):** Em seguida, fazer as questões norteadoras para perceber os conhecimentos prévios e iniciar o debate (ex: “Qual é o conteúdo do trecho? É uma situação recente ou antiga? Quais palavras e termos não entenderam?”). O professor irá complementar e guiar a discussão, introduzindo e relacionando os conteúdos da História da Lunda, o contexto de produção da fonte e os conhecimentos dos coletivos. O foco é destacar a necessidade global pelos insumos da região (goma copal, borracha e cera), diante do contexto da Revolução Industrial e as técnicas específicas das populações da Lunda.

### **Segunda Aula (50 minutos): Crítica ao Eurocentrismo e Orientação da Avaliação**

1. **Introdução Crítica (10 minutos):** É recomendado que o (a) professor (a) apresente o conceito da Revolução Industrial mais divulgado pela historiografia (o contexto específico da Inglaterra no século XVIII com o surgimento de novas tecnologias que geraram profundas mudanças no modelo de produção), explicitando a impossibilidade desse evento ocorrer sem os produtos e conhecimentos das populações da Lunda, desconstruindo a exclusividade europeia na participação desse evento.
2. **Debate Guiado e Orientações (40 minutos):** o (a) professor (a) deve fazer algumas perguntas norteadoras, com o objetivo de estimular a reflexão dos alunos: “esse evento foi algo exclusivo da Inglaterra?”, “qual foi a participação da Lunda nesse

processo?”, “A Revolução Industrial precisava dos produtos e das técnicas das populações africanas para acontecer, então por que essa importância não é atribuída aos coletivos africanos?”). Com isso, é necessário guiar as respostas para a consolidação da crítica, destacando que a Revolução Industrial ocorreu graças aos produtos e saberes africanos, isso se manifestava no saber-fazer dos carregadores e nas tecnologias de transporte, também destacar a apropriação da mukanda como sistema de crédito e de reivindicação trabalhistas. Por fim, estimular o reconhecimento do Eurocentrismo como causa do silenciamento histórico.

3. **Pesquisa Avaliativa:** O professor deve orientar os grupos a pesquisarem e selecionarem imagens (colagens, ilustrações, fotografias e afins) e materiais textuais (fragmentos da fonte, recortes) para a produção do mural. Essa pesquisa e curadoria deve ser crítica e cuidadosa para evitar a reprodução de estereótipos ou racismo, e já será contabilizada como parte da atividade avaliativa. Os materiais devem ser trazidos para a próxima aula.

### **Terceira Aula (50 minutos): Produção, Apresentação e Avaliação**

1. **Produção dos Murais (20-25 minutos):** Os grupos utilizam os materiais pesquisados na etapa anterior para a produção e finalização dos murais de desconstrução da Revolução Industrial.
2. **Apresentação e Discussão Coletiva (25-30 minutos):** Todos os grupos apresentam seus murais e argumentam como relacionaram a discussão crítica das aulas aos elementos visuais e textuais do cartaz. O docente conduz a discussão coletiva dos murais para avaliar o aproveitamento, focando na coerência da crítica, no reconhecimento da agência da Lunda e na curadoria visual consciente.

### **Considerações Finais**

O presente artigo centrou-se na análise crítica das “Instruções do negociante Custodio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango”, para o desenvolvimento de uma proposta de ensino concreta e adaptável. A pesquisa demonstrou que, ao confrontar a descrição da fonte com a análise baseada em referenciais teóricos especializados na História da África, foi possível utilizá-la como uma ferramenta poderosa de descolonização do conhecimento histórico.

Assim, buscamos demonstrar que a Revolução Industrial foi um processo amplo e que teve participação das populações da Lunda. Os sistemas sociais, econômicos e de conhecimento já existentes e consolidados nessa região garantiram o fluxo de matérias-primas essenciais, como a borracha, para os países europeus. Em outras palavras, a Revolução Industrial na Europa foi altamente dependente dos materiais e dos saberes da Lunda.

A proposta didática detalhada apresenta um valor pedagógico significativo por traduzir essa análise em um guia prático para a Educação Básica. O valor central do uso desta fonte reside na sua capacidade de romper com a narrativa eurocêntrica, ao evidenciar a agência e conhecimentos das populações da Lunda. Dessa forma, o material cumpre de maneira efetiva as diretrizes curriculares estabelecidas pela Lei 10.639/03, ao promover o estudo da História da África.

Em síntese, o emprego pedagógico do documento nos permite promover o ensino de História ao estimular o aluno a pensar criticamente sobre a produção do conhecimento e a não aceitar uma única narrativa, como a ocidental, como uma verdade absoluta. Espera-se que este estudo sirva de modelo para que outros educadores e pesquisadores elaborem materiais aplicados, ampliando o estudo da História da Lunda e da História da África em diferentes níveis de ensino.

## REFERÊNCIAS

### FONTE

Instruções do negociante Custodio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango. *In*: CARVALHO, Henrique Augusto Dias de. **Expedição portuguesa ao Muatiânvua**: descrição da viagem a Mussumba do Muatiânvua. Lisboa: Imprensa Nacional, 1890. vol. 1, p. 225-227. Disponível em: <https://archive.org/details/descripodaviagem01carv/page/225/mode/1up?q=borracha>. Acesso em: 12 nov. 2025.

### BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2017.

FEIERMAN, Steven. **African histories and the dissolution of world history**. In: BATES, R. H.; MUDIMBE, V. Y.; O'BARR, J. (eds.) *Africa and the disciplines: the Contributions of*

Research in Africa to the Social Sciences and Humanities. Chicago: University of Chicago Press, 1993, p. 167-212.

M'BOKOLO, Elikia. As dinâmicas de longa duração - séculos XV-XVIII. *In*: M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009. p. 507-590. 1 t.

OPPEN, Achim von. **Terms of Trade and Terms of Trust: The history and contexts of pre-colonial market production around the Upper Zambezi and Kasai**. Münster; Hamburg: LIT, 1993.

RIBEIRO, Elaine. **Barganhando sobrevivências: os trabalhadores da expedição de Henrique de Carvalho à Lunda 1884-1888**. São Paulo: Alameda, 2013.

SANTOS, Elaine Ribeiro da Silva dos. **Sociabilidades em trânsito: os carregadores do comércio de longa distância na Lunda (1880-1920)**. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-26082016-153408. Acesso em: 2025-10-05

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Revolução Industrial. *In*: SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 370-374.

### **Anexo A - Trechos da fonte “Instrucções do negociante Custodio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango”**

“1ª O fim único e exclusivo do estabelecimento d'esta casa ou estação é puramente o de exercer o commercio licito com todos os povos que a ella accorrerem com cera, borracha e marfim, para permutarem por mercadorias da Europa; mas muito principalmente para fazer o inicio em grande escala do commercio da gomma copal, o qual tem sido até hoje desconhecido neste concelho” (Carvalho, 1890, p. 225).

“2ª Deverá, logo que chegue ao ponto indicado, construir uma casa de pau a pique, que tenha 50 pés de comprimento por 15 de largo e 10 de altura de paredes, perfeitamente segura e aterrada, destinando-se 25 pés para armazém de mercadorias e deposito dos já indicados géneros coloniaes, e os 25 restantes serão divididos em dois quartos iguaes, destinando um para dar hospedagem a qualquer passageiro civilisado que por ali passe” (Carvalho, 1890, p. 225).

“3ª Os géneros coloniaes são acreditados pelo mesmo preço por que correm neste mercado no acto da sua recepção; como, porém, para a cotação da gomma copal não haja ainda preço estabelecido, eu coto-a desde já, sendo ella igual á amostra que entrego com estas instrucções ao sr. Vasconcellos, em 4\$500 réis a arroba, quando seja bem limpa de toda a terra ou barro e que não contenha corpos estranhos; deverá pois comprar d'este artigo a maior quantidade possível a preços animadores, a fim de que o gentio se possa dedicar á sua procura, sem todavia deixarmos de tirar a vantagem em nosso interesse na exploração que nos proporciona este novo ramo de commercio” (Carvalho, 1890, p. 225).

“4ª Deverá empregar todos os esforços possíveis para animar sem violência o povo do Xinje a empregar-se na conducção das cargas do commercio, não só para Malanje, como para o Caungula, Mussumba, Lubuço ou outro qualquer ponto; fazendo-lhe sempre com religiosa pontualidade os pagamentos ajustados, para nao dar motivo a que em seu animo se possa incutir a menor sombra de desconfiança contra os Portuguezes. No caso de poder conseguir que venham carregadores a Malanje, deverá, sempre que seja possível, mandá-los acompanhados de pessoa certa, a fim de lhes inspirar confiança e animação, a qual os deverá acompanhar ainda no seu regresso, pagando-se-lhe o que se ajustar por tal serviço. E conseguindo-se, como espero, que venham a Malanje sem repugnância e com carga, empregará boas diligências para os convencer a receberem aqui o pagamento do seu crédito, não só porque acho isto mais vantajoso ao meu interesse, mas ainda por ser assim melhor

para elles poderem no meu estabelecimento, e á sua vontade, escolher o artigo que mais possa ser do seu agrado, para lhes satisfazer o pagamento ajustado.

Desejo, emfim, para coroar de bom êxito e florescimento este meu arriscado empreendimento, que se mantenha sempre a boa paz e a boa harmonia com todos os povos gentios, não só com os que residem no percurso do trajecto, como com aquelles do logar aonde a casa vae ser estabelecida, e ainda com todos aquelles povos das circumvizinhanças ; é este um especialíssimo assumpto que eu muito recommendo á sua attenção, para que seja religiosamente observado, a fim de podermos manter sempre as melhores relações com esses povos, sem que nunca possam ter motivo a pôr embaraços a quem quer que seja que por essas paragens possa transitar” (Carvalho, 1890, p. 225-226).

“5ª Os sacos em que me fizer remessa de borracha, que comprar, deverão ser feitos de mabella, por ser mais consistente e duradoura que não é a linhagem. A gomma copal deverá ser acondicionada em uma espécie de caixote feito de hastes de bordão cortadas em troços convenientemente desbastados, de modo que o seu transporte seja fácil e commodo ao carregador, sem que a gomma possa aqui chegar esmigalhada. A cera deverá, como é costume, ser fundida em gamellas” (Carvalho, 1890, p. 226).

### **Declaração de contribuição dos autores**

Luiz Ricardo Batista Campos: redação - rascunho original, análise formal, conceitualização e investigação

Elaine Ribeiro: aquisição de financiamento, administração do projeto, supervisão, validação e escrita- revisão e edição

Vitória Massami Kikuti: conceitualização, validação e escrita-revisão e edição

Isaac Marques de Souza Garcia: conceitualização, validação e escrita-revisão e edição

### **Declaração de conflito de interesse**

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

### **Declaração de disponibilidade de dados**

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi disponibilizado em Mukanda Histórica Digital e pode ser acessado em <https://app.unifal-mg.edu.br/historiadigital/>.

### **Declaração de uso de IA**

Declaramos que a redação do presente trabalho contou com o suporte da Inteligência Artificial modelo Gemini 3.1 Pro, sob licença institucional da Universidade Federal de

Alfnas (UNIFAL-MG), exclusivamente para revisão de linguagem: melhoria da gramática, ortografia, clareza e estilo do texto. Toda supervisão, validação e autoria intelectual do artigo são de responsabilidade das autoras humanas.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.